



Apresentação

Entre permanências e metamorfoses: o jornalismo de revista e sua dimensão própria

Ivan Bomfim (UEPG)
Dora Santos Silva (NOVA FSCH/ICNOVA)
Camila Hartmann (UFSM)

A atenção que a academia tem dado ao jornalismo de revista, sob a forma de artigos, conferências, revistas científicas e edições temáticas - como esta -, reflete a importância que esta área continua a ter em várias linhas de investigação, numa perspectiva interdisciplinar: cruzam-se campos de saberes provenientes do jornalismo impresso e digital, do design, da gestão, da literacia ou dos públicos e audiências.

Também os números confirmam a legitimidade da revista enquanto plataforma editorial estratégica, física e virtual, de envolvimento dos leitores. De acordo com o *Magazine Media Factbook 2021*, 90% dos inquiridos nos EUA com menos de 25 anos de idade leram revistas (na versão impressa ou digital) em 2020 e 63% dos inquiridos entre os 25 e os 40 anos gostam de comprar revistas impressas. O relatório publicado pela MPA - *The Association of Magazine Media* revela ainda que a pandemia Covid-19 levou a um aumento generalizado de leitura de revistas e de seguidores, de todas as faixas etárias, das suas redes sociais e que as revistas são mais credíveis, inspiradoras e relevantes para os inquiridos em comparação com websites ou canais televisivos. Mais: as 25 revistas com maior circulação impressa chegaram, em 2020, a mais adultos do que os 25 programas de TV do horário nobre.

A resiliência da revista enquanto objeto físico e conceito, mesmo em ambiente digital - algo que muitos jornais não conseguiram manter - tem uma relação direta com as suas especificidades. Há uma periodicidade e, por isso, uma esperança média de vida maior: as revistas trimestrais ou as de nicho são, muitas vezes, encaradas como objetos de arte e guardadas por anos. Existe uma relação íntima entre o leitor e a revista, o seu objeto. Cada edição tem um alinhamento, um cuidado estético, que se repercute também na gramatura do papel, o que leva a que o leitor goste da sensação do “toque”. É por isso que muitas revistas têm uma presença digital, mas não têm verdadeiramente uma versão digital porque não



obedecem a uma periodicidade, a um “objeto” com princípio e fim. Estas são características básicas de uma revista, e que permanecem mesmo no caso das nativas digitais.

Numa altura em que se fala já na crise dos media desde o princípio do século XXI, a resiliência parece ser a palavra-chave para os últimos anos do jornalismo de revista. Assim como o cinema e o rádio, o jornalismo impresso já foi dado como morto, especialmente em virtude da era digital e do online. Mas também houve alguns anos de entusiasmo, quando se pensou que os tablets iriam salvar a indústria das revistas e transportá-las diretamente para a era digital (SANTOS SILVA, 2011).

O jornalismo mudou, incorporou lógicas, processos, discursos e imaginários relativos à profunda transformação fomentada pela hegemonia das redes sociotécnicas. Apesar do encerramento de diversas publicações - sempre bom lembrar, cada magazine é um produto de seu tempo, como afirma Lage (2005) -, um grande número de publicações se reinventou no espectro digital. Exemplo significativo, neste sentido, é a conformação de sites de revistas mensais ou semanais brasileiras, tais como *Veja*, *CartaCapital*, *IstoÉ*, *Superinteressante*, *Exame*, entre outras, em portais, concentrando a oferta de conteúdos noticiosos em conjunto a possibilidades de acesso a materiais antigos, páginas especiais, vídeos, galerias de imagens, podcasts, entre outros formatos.

Nesta corrente de novidades, a conformação de perfis e *fanpages* em redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram amplia as formas de publicação, divulgação e interatividade com o público.

Diante de tantas metamorfoses e novas processualidades, a principal causa da resistência das revistas parece ser, realmente, seu caráter jornalístico único. As magazines expõem pontos de vista, defendem causas, existem em virtude de temáticas; ao cabo, tomam posição diante da caoticidade que rege a realidade. Ser uma publicação que aborda o universo político, por exemplo, é investir na produção de notícias que buscam destrinchar os diversos engendramentos entre interesses privados e públicos, tendo como espaço visível um amplo palco, mas com bastidores ainda mais complexos (e, por vezes, escandalosos). Não à toa, diversos acontecimentos de relevância política nacional tiveram como ponto - visível - de partida entrevistas ou reportagens veiculadas nas páginas de publicações semanais.

Nesta mirada, é intrigante como a promoção de discursos por meio da rejeição à ideia de “objetividade” posiciona as revistas no espectro da esfera pública. A lógica das redes, por exemplo, fomenta continuamente a colisão de entre distintos posicionamentos, e um reflexo desta dinâmica é perceptível na conformação de comunidades de leitores, que se engajam nas

postagens de diversas magazines de um mesmo espectro ideológico. A preocupação com o comedimento que vemos na imprensa de matriz diária (na contemporaneidade digital, a publicação é ininterrupta) é deixada ainda mais de lado pelas revistas no espaço online, tendo em vista a necessidade de repercussão para a existência. O intervalo de edição maior que estruturava a concepção de um jornalismo mais aprofundado por parte destes veículos foi desfigurado, mas a perspectiva peculiar dos conteúdos se manteve. Antes estabelecidas em singulares vértices de espaço e tempo, as publicações passam a disputar a atenção na arena da comunicação incessante com “espécies” antes desconhecidas, tais como jornais, canais de televisão, veículos nativos online, entre uma miríade de outras. Esta conformação demanda grandes esforços, e talvez a estruturação do jornalismo *mobile* (MoJo) pelas revistas seja a epítome dos processos de adaptação, visto que demanda ampla reengenharia dos processos de produção e circulação noticiosa.

Os novos regimes temporais impõem desafios. Para as publicações mais antigas, há a necessidade de manutenção da identidade editorial; para as mais novas e/ou nascidas na rede, a construção da imagem de produto relevante a ser considerado na multiplicidade dos ecossistemas midiáticos. Partindo dos vieses temático-jornalísticos, as magazines precisam dialogar com uma diversidade de grupos, mesmo que procurem ser a voz de uma corrente social, política, econômica ou cultural. O público se mostra, cada vez mais, como entidade imprevisível, fragmentando-se na mesma proporção que constitui conjuntos de identidades fortemente estabelecidas.

Ser contemporâneo é expor os valores, lógicas, crenças, discursos e ideologias de seu tempo, substituindo o antigo ao mesmo tempo em que se abre espaço para o novo. As revistas podem ser entendidas, assim, como continuidades na descontinuidade, uma tentativa de materialização do *Zeitgeist*; objetos que propõem formas de viver e entender o mundo com perspectivas e linguagens de um “hoje” singular, localizadas em estratos específicos da sociedade. Os mundos representados a partir das páginas impressas e digitais são *frames* difusos de uma narrativa muito maior, arquitetada *na* e *pela* experiência humana.

Quase três dezenas de artigos foram submetidos a este dossiê. Mediante critérios rigorosos e apontamentos dos pareceristas, seguindo, ademais, a recomendação dos editores geral e gerente da revista *Animus*, selecionamos, para efetiva publicação, treze textos.

Os artigos evidenciam a multiplicidade interpretativa plausível sobre as muitas dimensões do jornalismo de revista. Diferentes aportes teóricos, objetos conceituais e

dispositivos analíticos são tensionados na tentativa de compreender a complexidade que cerca este universo.

Os objetos de estudo dos textos são diversos e incluem (a) a revista enquanto centro de uma problemática de pesquisa, (b) a análise desde elementos compositivos, como capa e reportagem, (c) além da especificidade do jornalismo de revista praticado por veículos brasileiros (d) e estrangeiros. A disposição das publicações será dividida conforme seu agrupamento nesses quatro grandes temas.

O dossiê inicia com a publicação de “A revista por ela mesma e o revistativo: problematizações sobre um modo de ser jornalismo”, escrito por Frederico de Mello Brandão Tavares. O artigo discute a revista como um objeto de estudo, relacionando autores que abordam sua singularidade como produto editorial e comunicativo, tal qual o jornalismo por ela configurado. Através das noções de “jornalismo revistativo” e “revistação”, o autor reivindica o reconhecimento da revista como articuladora de um “modo de ser” jornalismo na sociedade.

Em “A revista e sua hermenêutica”, artigo de caráter ensaístico, Marlon Dias e Alisson Machado refletem acerca do ensino e da prática laboratorial do jornalismo de revista a partir de um contexto de crise no mercado editorial e migração para plataformas digitais. Sua argumentação está alicerçada em uma hermenêutica que triangula experiências docentes na área, práticas pedagógicas e editoriais e a atuação professor-leitor com a interação e o engajamento estudante-revista.

A segunda parte deste dossiê é inaugurada pelo artigo de Rafael Rangel Winch, Magali Moser e Jorge Kanehide Ijuim: “A reportagem em revista como espaço de acionamento da empatia”. Partindo do reconhecimento de que os processos empáticos são fundamentais para a humanização e aprofundamento da narrativa jornalística, os autores pretendem compreender como a empatia pode ser criticamente acionada no jornalismo por meio de uma reportagem em revista. Empiricamente, o objeto escolhido foi uma reportagem sobre a saúde mental em favelas publicada na revista piauí.

“A natureza híbrida da newsmagazine”, escrito por Carla Rodrigues Cardoso, estuda a newsmagazine a partir do dispositivo capa; o objetivo é traçar a cartografia do território em que se insere – mais perto dos jornais, das revistas ou a meio caminho entre ambos. Através da análise de conteúdo de capas de revistas de circulação internacional, americanas e francesas, e de publicações portuguesas de distribuição nacional, a autora aponta para a hibridez da newsmagazine e assinala uma cisão entre os títulos internacionais, mais próximos do universo dos jornais, e os nacionais, que se aproximam das revistas.



Produzido por Sandra Depexe, Alexandra Martins Vieira, Marina Judiele dos Santos Freitas e Laura Simon Marques, o texto “As mulheres da capa: leitura das mudanças editoriais da GQ Magazine Brasil” visa investigar a representação da mulher nas capas da referida revista masculina. Em uma leitura diacrônica da linha editorial da revista, as estruturas visuais significantes das capas são relacionadas às transformações sócio-culturais do pensamento sobre o feminino e também à emergência do debate feminista na sociedade brasileira.

Reunindo artigos cujas análises recaem sobre revistas nacionais, a terceira e mais numerosa parte do dossiê começa com a publicação de “Revista do Rádio: espetáculo e entretenimento na magazine da década de 50”. O intuito das autoras, Carla Montuori Fernandes e Lucia Carvalho Moreira Dias, é compreender como o espetáculo – no sentido do termo imbuído na Cultura do Espetáculo – se faz presente na Revista do Rádio, durante a década de 50, momento em que o rádio e a publicação atingiram seu apogeu. Por meio de resgate documental das imagens da revista em acervos públicos, as autoras constatam que esse veículo impresso de grande repercussão na história da radiofusão brasileira foi precursor das revistas atuais de entretenimento, apresentando traços de uma cultura intitulada como espetacular no mundo contemporâneo.

Em “A imprensa sindical em revista: uma análise da Revista do Brasil”, Rozinaldo Antonio Miani apresenta um projeto de comunicação popular viabilizado pela combinação de recursos de sindicatos de várias regiões do país e que circulou mensalmente entre 2006 e 2017. Ao analisar as principais temáticas abordadas nas capas da Revista do Brasil, e indicando as especificidades desse tipo de produção no âmbito da imprensa sindical, o autor aponta notórias contribuições da publicação para os processos de formação política e cultural para as classes trabalhadoras, sem deixar de mencionar suas limitações de ordem político-ideológica, em decorrência de sua subordinação aos pressupostos do sindicalismo cidadão.

Rudimar Baldissera, Bruno Vinhola, Charles Florczak Almeida e Douglas Elias Carvalho empreendem uma análise da revista Exame. Em “Jornalismo e diversidade: vozes na revista Exame”, os autores evidenciam as vozes conformadoras do discurso da revista sobre a diversidade, visando compreender como elas são acionadas para instituir concepções que realizam uma captura gerencial desse tema. A análise do discurso os possibilita inferir que, a despeito do acionamento de múltiplas vozes, materializa-se um discurso predominantemente monofônico, o qual, ainda que se proponha polifônico, tende a reafirmar um ideário organizacional preestabelecido.



“A argumentação de Veja e CartaCapital sobre o impeachment de Dilma Rousseff”, redigido por Carolina Siqueira de David, traz a análise de pontos de divergência na cobertura de dois dos principais semanários brasileiros sobre o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Segundo a autora, Veja e CartaCapital que, reconhecidamente, promovem ideias diferentes sobre variadas temáticas, em especial em relação à política, fazem uso, de acordo com sua posição editorial, de estratégias que reforçam suas argumentações a fim de tanto persuadir uma audiência para aderir àquela ideia quanto para fortalecer o vínculo com seus já leitores.

Veja é também objeto empírico do artigo “A inclusão e a exclusão da voz das crianças na revista Veja”, de autoria de Thaís Helena Furtado, Sophia Maia e Valentina Bressan. Desde o pressuposto de que a criança é um sujeito com autonomia e competência para produzir sentido social sobre a realidade que a rodeia, o texto tem o intuito de compreender como sua voz é – ou não – incluída no conteúdo jornalístico de Veja. Da análise, as autoras concluem que as necessidades de proteção acabam por apagar os direitos de participação social das crianças; a criança contemporânea em sua diversidade, argumentam, é completamente silenciada pela revista, não é considerada como fonte competente e não é representada a partir de sua própria voz.

O último artigo a versar sobre a revista Veja, finalizando a terceira parte deste dossiê, foi escrito por Paula Sperb e Felipe Boff e se intitula “O jornalismo de Veja na cobertura do sequestro dos uruguaios, 1978-1980”. Os autores analisam a série de reportagens da revista sobre o Caso do Sequestro dos Uruguaios em Porto Alegre (Rio Grande do Sul - Brasil), concluindo que o jornalista Luiz Cláudio Cunha e seus colegas contribuíram para evitar a morte de reféns, identificar parte dos sequestradores e levá-los a julgamento durante a ditadura militar. Relatado na dupla condição de repórter e testemunha, esclarecem os autores, o caso revelou a colaboração entre ditaduras no Cone Sul, que mais tarde seria conhecida como Operação Condor.

Abrindo a quarta e derradeira parte, que agrupa artigos que discutem a especificidade do jornalismo de revista praticado por veículos estrangeiros, temos o artigo “Uma comunidade comunicante – o caso da revista Kapa (1990-1993)”. Conforme esclarecido por sua autora, Maria Filomena Barradas, o texto pretende ser uma contribuição para a história da revista Kapa, publicada mensalmente em Portugal entre 1990 e 1993. O argumento sugerido é o de que a revista foi guiada por um espírito que procurou forjar uma comunidade comunicante, renunciando à “informação” no sentido tradicional do termo e abrindo-se a algumas estratégias



que podem ser associadas ao entretenimento e à diversão. A autora atesta que Kappa se estabeleceu como uma revista de culto, ademais de um símbolo de uma geração no início da década de 1990 em Portugal.

Por fim, em “Revistas de videogames: um breve histórico sobre a compreensão da identidade gamer”, Kennet Anderson da Cruz Medeiros e Janaina Dias Barcelos empreendem um resgate sobre alguns eventos marcantes que deram início às revistas ocidentais de videogames. Os autores apontam práticas de publicações que abriram caminho para outras revistas e que fizeram parte da construção de uma identidade gamer. Apresentam, ainda, a transição do jornalismo de videogames de revista para a internet.

Esperamos que este conjunto de trabalhos consiga refletir ao menos parte da complexidade engendrada ao jornalismo produzido pelas magazines. A multiplicidade de temáticas aqui apresentadas indicam vários caminhos possíveis para o estudo das revistas noticiosas, um objeto inesgotável em formas e sentidos.

Bibliografia

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MPA - The Association of Magazine Media. **Magazine Media Factbook**, 2021. Disponível em <https://www.fipp.com/resource/mpa-magazine-media-factbook-2021/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SANTOS SILVA, Dora. The Future of Digital Magazine Publishing1. **Information Services & Use**, v. 31, n. 3-4, p. 301-10, 2012.

